

Cuspe: a metáfora que vem de dentro e o processo de significação nas redes sociais¹

Spit: the metaphor from inside and the process of signification in social media networks

Jorge Antonio de Moraes Abrão² e Anderson Vinicius Romanini³

1 Uma versão desse trabalho foi apresentada no GT Semióticas da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. j.abrao@gmail.com.

3 Docente no Programa de Pós-Graduação Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. viniroma@gmail.com.

Resumo

Partindo da ideia de ciberespaço como lugar de interação social, este trabalho propõe uma reflexão sobre os processos de produção de sentidos presentes nas redes sociais. Com esse intuito, buscou-se, a partir de uma abordagem inter ou multidisciplinar, entender o papel das metáforas na construção de significados, e como estes podem ser manipulados em um processo interpretativo. Para isso, o artigo analisa como um mesmo evento – o cuspe durante a votação da aceitabilidade do processo de impeachment – é ressignificado nas redes sociais de Jean Wyllys, Jair Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro.

Palavras-chave

Semiótica, metáfora, redes sociais, interação simbólica.

Abstract

Starting from the idea of cyberspace as a place of social interaction, this work proposes a reflection on the processes of meaning production present in social networks. To this end, we sought to understand the role of metaphors in the construction of meanings and how these can be handled in an interpretive process. Thus, the article analyzes how the same event – the spit during the voting of the acceptability of the impeachment process – is (res) signified in the social networks of Jean Wyllys, Jair Bolsonaro and Eduardo Bolsonaro.

Keywords

Semiotics, metaphor, social networks, symbolic interaction.

A discussão em torno do debate político na sociedade não é nova, porém, com o advento e a propagação de novas tecnologias de comunicação, sobretudo a internet, novas possibilidades surgem, fazendo com que esse processo ganhe novos contornos. Este trabalho parte da necessidade de pensar em como ocorre a discussão política na sociedade da informação, considerando a questão: como se dá o processo de construção de sentidos nas redes sociais no ciberespaço? Para tentar responder a essa pergunta, utilizar-se-á aqui o conceito de interação social advindo do Interacionismo Simbólico, e o conceito de metáfora presente na Linguística Cognitiva e na Semiótica, pois entende-se que é tal a variedade e a multiplicidade de fatores no objeto que seu estudo deve buscar uma base inter ou multidisciplinar.

Neste artigo, entende-se o Interacionismo Simbólico como um conjunto teórico adequado para o estudo das relações na internet, visto que essa teoria parte do pressuposto de que uma comunidade é formada por indivíduos que agem conforme os significados construídos na interação social, e, dados aos atos, fatos e coisas. Assim, para entender melhor como esses significados são construídos, busca-se o conceito de metáfora na Semiótica e na Linguística Cognitiva. Assim, este trabalho divide-se em três partes: de início, será abordado o ciberespaço como comunidade e local de interação simbólica; em seguida, será feita uma breve revisão teórica sobre a metáfora, em que se buscará aproximar os conceitos dos campos acima mencionados, e, por fim, apresenta-se uma breve reflexão analítica a partir das teorias expostas.

Ciberespaço e interação

Com a emergência da internet e sua popularização, o ciberespaço constituiu-se, entendido aqui segundo Lévy (1999), como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Desse modo, temos uma nova forma de comunicação complexa, descentralizada e sem intermediação, em que “quase todo mundo pode publicar um texto, sem passar por uma editora, nem pela redação de um jornal” (LÉVY, 1998), onde se

permite buscar a informação desejada sem depender das mídias tradicionais, como a TV, o jornal e o rádio. Assim, é possível afirmar que a internet e o ciberespaço constituem locais importantes de construção e circulação de sentidos.

O ciberespaço tem sido um lugar em que surgem novas formas de sociabilidade e interação entre os indivíduos da sociedade, criando laços entre as pessoas e, conseqüentemente, uma comunidade, agora virtual e organizada em forma de redes sociais virtuais. Para Castells (2003, p. 48), essas redes se caracterizam por sua formação autônoma, onde qualquer indivíduo pode encontrar sua destinação e por permitirem uma comunicação livre, horizontal, que sintetiza a prática da livre expressão global, em uma era de conglomerados de mídias e burocracias governamentais censoras.

Segundo o autor, a internet se tornou essencial para a comunicação e organização das sociedades contemporâneas, sendo óbvio que processos políticos e movimentos sociais a utilizem (Ibid). Atualmente, tanto para políticos quanto para eleitores, as redes sociais são canais de comunicação direta, horizontal, com pouco controle e economicamente acessível, promovendo, desse modo, nova perspectiva nas relações sociopolíticas. Além disso, as redes sociais permitem uma intensificação de interconexões entre atores na sociedade, o que contribui para sua melhoria, pois, como ressalta Lévy (1998, p. 41), "quanto mais um regime político, uma cultura, uma forma econômica ou um estilo de organização tem afinidades com a intensificação das interconexões, melhor ele sobreviverá e resplandecerá no ambiente contemporâneo". Contudo, é importante destacar que as redes sociais configuram um terreno disputado, pois são espaços privilegiados para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contra dominar, como afirma Castells (2003, p. 114).

Movimentos de ordem político-social, como a Primavera Árabe e o Occupy Wall Street, utilizaram principalmente as redes sociais para organizar e elaborar formas de engajamento popular. Da mesma forma, as manifestações populares ocorridas no Brasil em junho de 2013 se fortaleceram e conseguiram aglutinar multidões em torno de suas causas. Após essas manifestações, governos municipais, estaduais e federal se viram obrigados a responderem, de alguma forma, às exigências

dos manifestantes, exigências essas discutidas e materializadas no ciberespaço, mostrando como as redes sociais podem ser um espaço de discussão e mobilização política, devido a sua facilidade de uso e agilidade na troca de informações.

Para Meyrowitz (1985, p. 5), "o contato social não ganha significado apenas pela presença física e lugar físico para interação, mas ganha significado a partir da mídia que utiliza", assim, e a partir da concepção de que as redes sociais constituem novas comunidades em que indivíduos agem, interagem e se comunicam mediados pelo computador, surge o interesse pelo Interacionismo Simbólico, pois, para essa perspectiva teórica, as comunidades são formadas por indivíduos ativos, orientados pela interpretação dos significados dados aos objetos, isto é, "tudo que é possível de ser indicado, evidenciado ou referido" (BLUMER, 1980, p. 127). Tais significados são construídos na interação social a partir da comunicação, e assim são elementos-chave para entender os processos de interação.

O autor destaca a comunicação como instrumento de criação da realidade por meio de um processo dinâmico e interativo, assim, não se pode estudar ou entender as associações humanas fora do contexto comunicativo. Blumer (1980, p. 119) aponta três premissas básicas do Interacionismo Simbólico:

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece. A segunda premissa consiste no fato de que os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que mantem com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato.

Ou seja, indivíduos agem diante de situações e de outras pessoas de diferentes formas, devido ao significado dado a essas coisas e pessoas. Esse significado é construído a partir das interações sociais, e pode se manter ou ser alterado mediante um processo interpretativo próprio ao indivíduo.

Blumer busca em Mead o conceito de interação social, identificando duas formas: a não simbólica e a simbólica. "A interação não simbólica ocorre quando se

reage diretamente a ação de outra pessoa sem interpretá-la; a interação simbólica refere-se à interpretação do ato” (Ibid, p. 125). A interação simbólica é a interação em que um processo social é percebido e redefinido, não pela ação direta do indivíduo, e sim pela interpretação desses, a partir do significado atribuído a eles.

Com o objetivo de entender melhor como os significados dados pelos indivíduos são construídos na interação on-line, buscar-se-á aproximar os conceitos de metáfora encontrados na Linguística Cognitiva e na Semiótica. Desse modo, a metáfora não será considerada apenas como ornamento do discurso, de efeito retórico e literário, mas também como manifestação da maneira como entendemos e significamos o mundo.

Metáforas

Assim, adota-se aqui tanto a posição da teoria cognitiva de Lakoff e Johnson (2002, p. 47), em que a “essência da metáfora é compreender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra”, quanto a visão peirceana de metáfora como operação de transferência de predicados entre símbolos cujo resultante aponta para o crescimento semiótico, isto é, para a emergência de novos signos (REIS, 2006).

Ícone, hipoícone e metáfora

Para Peirce, o signo é algo que representa o objeto produzindo interpretantes. A partir da relação que o signo tem com seu objeto, é possível classificá-lo em três diferentes tipos: ícone, índice e símbolo. O ícone representa o objeto por uma relação de semelhança, já o índice apresenta uma relação material entre signo e objeto, enquanto o símbolo constitui-se por um hábito, lei ou convenção.

Para Peirce, o ícone não pode existir, exceto como possibilidade. Já o signo pode ser icônico e representar seu objeto por semelhança. Desse modo, o autor distingue ícone puro de signo icônico, ou hipoícone (REIS, 2006). Ícone puro é sempre uma expressão de qualidade de semelhança, despida de informação factual, positiva; enquanto a concretização dessa possibilidade em um existente é que nos dá um signo icônico, que se define assim em razão da predominância do efeito

iconizante, proporcionado pelo ícone puro. Dessa forma, os hipoícones podem ser classificados pelo modo da relação de semelhança que o signo tem com seu objeto:

Hipoícones podem ser grosseiramente divididos de acordo com o tipo de Primeiridade da qual participam. Aqueles que participam de simples qualidades, ou Primeiras Primeiridades, são imagens; aqueles que representam as relações, principalmente diádicas, ou assim consideradas, das partes de uma coisa por relações análogas em suas próprias partes, são diagramas; aqueles que representam o caráter representativo de um *representamen* pela representação de um paralelismo em outra coisa, são metáforas (CP 2.277, EP2: 274 apud FARIAS, 2008).

Desse modo, a imagem se fundamenta na captura de qualidades simples do objeto, por meio de qualissignos sensoriais – sons, formas, odores, cores, texturas, volumes, movimentos, etc. – que sustentam a semelhança sensorial entre o hipoícone e seu objeto. Já o diagrama é um esquema conceitual que expressa relações abstratas internas do signo, também presentes no objeto, assim, a qualidade representativa do diagrama baseia-se em uma relação de semelhança estrutural entre o signo e seu objeto.

A metáfora iconiza um signo e produz um efeito de paralelismo e de semelhança com outro signo (HALEY, 1988, p. 37). Portanto, sua qualidade representativa está na relação de semelhança estabelecida entre o caráter representativo de um signo com outro. Esse paralelismo promove uma operação de projeção de propriedades de um conceito sobre outro, atribuindo algumas características próprias do primeiro ao segundo conceito, permitindo às metáforas realizarem inferências abduativas. Desse modo, para Romanini (2009), a metáfora tem papel importante na percepção, pois permite a síntese da multiplicidade de estímulos perceptivos em uma ideia, dando ao indivíduo acesso à informação na forma de uma conotação.

Metáfora conceitual

Baseando-se na noção peirceana de metáfora como mecanismo responsável pelo crescimento semiótico devido à projeção de predicados, é possível aproximar a teoria semiótica à teoria da metáfora conceitual.

Com a publicação da obra *Metáforas da vida cotidiana*, de George Lakoff e Mark Johnson, marca-se o início da Teoria da Metáfora Conceitual. Os autores afastam-se dos conceitos tradicionais de metáfora – como figura de linguagem – e a apontam como parte indispensável do pensamento e comportamento humano.

Para os autores, os conceitos são definidos com base na percepção humana das interações dos indivíduos com o ambiente, objetos e outros indivíduos, e não em termos de suas propriedades intrínsecas. Passa-se então a pensar a metáfora pelo conceito de metáfora conceitual, ou conceito metafórico, que estrutura o pensamento e ação, permitindo compreender um domínio conceitual não estruturado ao recorrer a outro domínio já conhecido. Assim, nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só se pensa, mas também se age, é fundamentalmente metafórico por natureza. Essas estruturas cognitivas podem ser evidenciadas pela linguagem, pois a metáfora linguística só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano.

Lakoff e Johnson definem metáfora como uma intervenção cognitiva fundamental, formada por dois domínios de conhecimento. O primeiro, domínio-fonte, abrange o conhecimento já existente; o segundo, domínio-alvo, está voltado ao que se quer compreender. Por exemplo, AMOR É UMA VIAGEM é uma metáfora conceitual que apresenta o amor e permite compreender o amor como uma viagem, ou seja, parte-se do domínio-fonte, que seria o conhecimento adquirido, viagem, e volta-se para o domínio-alvo, o amor. Esses domínios são resultados de metáforas conceituais. Nas seguintes expressões, pode-se ver como a metáfora conceitual AMOR É UMA VIAGEM emerge na linguagem (LAKOFF; JOHNSON, 2002):

Veja a que ponto nós chegamos.
Agora não podemos voltar atrás.
Nós estamos numa encruzilhada.
Nossa relação não vai chegar a lugar nenhum.

Lakoff e Johnson diferenciam três tipos de metáforas responsáveis pela estruturação da experiência:

1. metáforas estruturais: quando um conceito é estruturado metaforicamente por outro conceito.
2. metáforas orientacionais: quando é dado a um conceito não espacial uma orientação espacial.
3. metáforas ontológicas: quando um conceito não físico é entendido a partir de algo físico.

Dessa maneira, metáforas mais complexas têm raízes em metáforas mais profundas, e o conceito de realidade pode ser entendido como acumulação e representação de conceitos metafóricos, que, por sua vez, são compostos de camadas e estratos de vários outros conceitos metafóricos que representam metáforas básicas.

Com base no exposto, acredita-se que a partir da identificação e análise dos conceitos metafóricos materializados em redes sociais é possível entender melhor o processo de construção social de significados. Esse entendimento é necessário para melhor compreensão da internet, vista como local de interação simbólica, e do debate político on-line. Desse modo, pretende-se examinar as postagens de deputados federais, conhecidos por opiniões contrárias a respeito de diversos temas, como aborto, direitos humanos, desarmamento etc. Os deputados Jean Wyllys e Jair Bolsonaro, além de apresentarem pontos de vista contrários e polêmicos, possuem seguidores que se enfrentam nas redes sociais, apresentando certo maniqueísmo, e, portanto, essas discussões mostram-se fundamentais na atualidade, merecendo uma análise aprofundada.

Breve análise

Em 17 de abril de 2016, durante a sessão da Câmara de Deputados em que foi autorizada a instauração do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, um dos episódios que mais chamou atenção foi o incidente ocorrido entre três deputados federais. Após terminar de anunciar seu voto, Jean Wyllys, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOLRJ) cuspiu na direção de Jair Bolsonaro,

do Partido Social Cristão (PSC-RJ). Em resposta, o deputado Eduardo Bolsonaro cospiu em Wyllys. Em suas páginas na rede social Facebook, os envolvidos se pronunciaram sobre o fato, que teve grande repercussão nos meios tradicionais, como jornais e revistas, e nas redes sociais. É a partir das postagens em que os deputados colocam suas posições sobre o acontecimento que se inicia esta análise.

Jean Wyllys e Jair Bolsonaro, mesmo não sendo de partidos considerados grandes, somam juntos cerca de cinco milhões de seguidores em suas redes sociais⁴, número maior que o dos principais candidatos à presidência da república nas eleições de 2014. É possível elencar algumas razões para a popularidade dos parlamentares e o interesse dessa pesquisa: i) participação ativa e constante nas redes sociais; ii) plataformas claras de atuação, representando polos extremos e opostos no cenário político atual.

Acredita-se que apesar da inegável divergência política entre Wyllys e Bolsonaro, ambos apresentam formas similares de se comunicar com seus eleitores nas redes. Desse modo, a análise do debate nas redes sociais desses parlamentares, suas diferenças e similaridades pode trazer pistas valiosas sobre os processos de significação na interação simbólica on-line.

Com intuito de melhor entender esses processos, foram selecionados posts que abordaram diretamente o incidente no Facebook dos deputados envolvidos, e os cinco principais comentários de cada postagem, isto é, os com o maior número de curtidas e respostas⁵. Também foram incluídos posts do deputado Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, pois além de participar do fato, teve suas publicações comentadas pelo deputado Jean Wyllys.

Adotam-se aqui os mesmos procedimentos analíticos utilizados pela teoria da metáfora conceitual: observa-se um conjunto de expressões linguísticas em busca de alguma sistematização; em seguida, identifica-se a metáfora conceitual

4 Deu-se preferência aos comentários tidos como principais devido ao alto número de respostas aos posts, mais de 180 mil contabilizando todos os posts. Além disso, é possível dizer que esses comentários têm a aprovação dos demais seguidores pois apresentam um número elevado de curtidas quando comparado aos outros. Considera-se aqui as redes sociais Facebook, Twitter e Instagram no dia 15 de junho de 2016

5 O acesso à rede social e extração do corpus foram realizados no dia 15 de junho de 2016.

subjacente a essa sistematização, e, por último, utilizam-se mais expressões linguísticas para confirmar a existência da metáfora (LIMA; GIBBS; FRANÇOZO, 2001). Para representar o mapeamento das metáforas conceituais, Lakoff e Johnson (2002) propõem as formas “DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE”, ou “DOMÍNIO-ALVO COMO DOMÍNIO-FONTE”, onde DOMÍNIO-ALVO é o que se pretende entender, e o DOMÍNIO-FONTE é o que já se compreende.

Com intuito de compreender melhor como o ocorrido é significado e ressignificado na interação on-line, foram selecionados trechos das postagens dos três parlamentares envolvidos, buscando-se identificar possíveis metáforas.

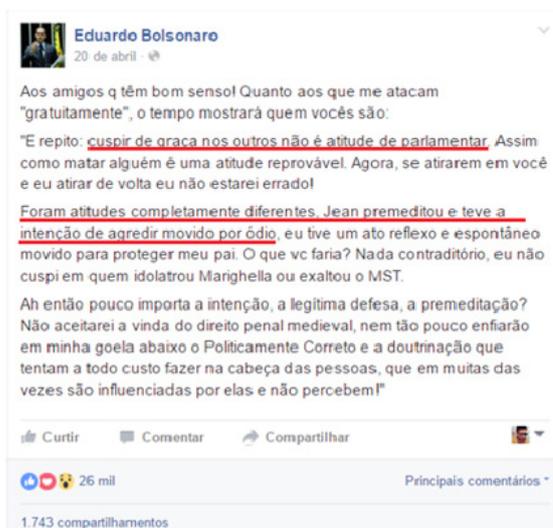


Figura 1



Figura 2

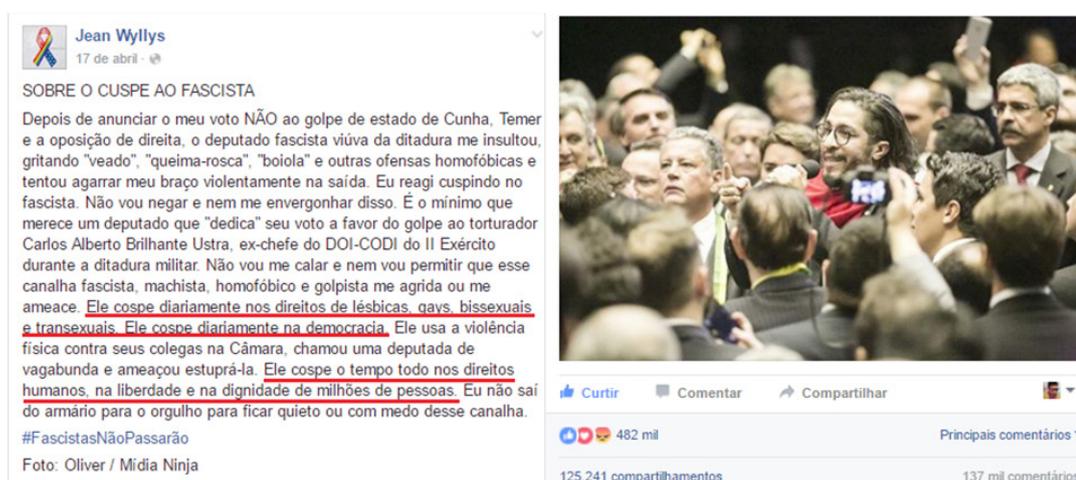


Figura 3

Com base nos exemplos, pode-se observar que o ato de cuspir é tido como um ataque, onde quem cospe é o agressor e o alvo é a vítima, de modo que é possível identificar a metáfora CUSPE É ATAQUE, presente nos discursos dos três parlamentares. Essa metáfora é utilizada tanto por Jair quanto por Eduardo Bolsonaro ao se referirem ao cuspe de Wyllys, como destacado nas Figuras 1 e 2. Na postagem apresentada na Figura 2, Jair Bolsonaro, em entrevista, afirma: “Ele resolveu mirar em mim e dar uma cusparada, ele disse que quantas vezes forem necessárias, ele vai cuspir em mim”, nesses trechos, percebe-se novamente o mapeamento CUSPE É ATAQUE na fala do deputado, já que no primeiro trecho pode-se pensar que quem mira planeja um ataque, e o segundo trecho é tido como ameaça de agressão.

Já na Figura 3, uma postagem de Wyllys, a metáfora CUSPE É ATAQUE é expressa ao falar sobre as atitudes e discursos de Jair Bolsonaro a respeito dos direitos da comunidade LGBTQ, contra os quais Jair Bolsonaro se posiciona. Aqui nota-se o uso figurado da metáfora conceitual, diferente dos exemplos anteriores, mais literais e diretos.

Essa metáfora também é exteriorizada nos comentários nas postagens de Jean Wyllys e Eduardo Bolsonaro, corroborando os sentidos atribuídos pelos deputados. Na Figura 4, a ação de cuspir é vista como atitude desequilibrada, enquanto na Figura 5 temos a metáfora “cuspe é ataque” explicitada no trecho “tira sua razão e torna o agressor em vítima”.

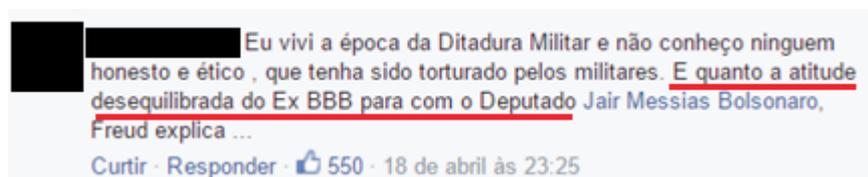


Figura 4



Figura 5

É possível trazer outros exemplos que reforçam a ideia de CUSPE É ATAQUE como metáfora conceitual ao olhar para expressões já cristalizadas na linguagem, que apontam o ato de cuspir como ato de agressão a outro ou a si mesmo: “Não se cospe no prato que comeu”, “Ele está cuspidando fogo”, ou “Cuspiu para cima”.

Por fim, pode-se observar CUSPE É ATAQUE como mecanismo que fundamenta o pensamento e as ações quando uma pessoa cospe em outra como forma de mostrar hostilidade em uma luta⁶ ou discussão, como se viu no *reality show A Fazenda*, quando os participantes Andressa Urach e Mateus Verdelho, durante desentendimento, iniciaram uma “guerra de cuspes”⁷.

Com o evidenciado acima, entende-se que o mapeamento CUSPE É ATAQUE corresponde a uma metáfora conceitual, na qual se fundamentam a percepção e a ação dos indivíduos, seja na interação física ou on-line.

Prosseguindo a análise do corpus, é possível observar um deslocamento do sentido de “cuspe”, não mais visto como ataque, mas defesa:

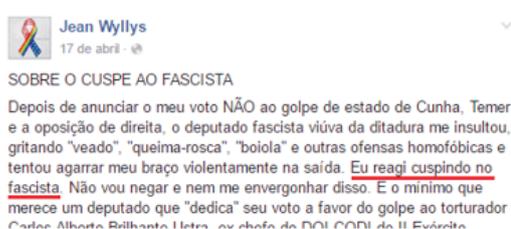


Figura 6

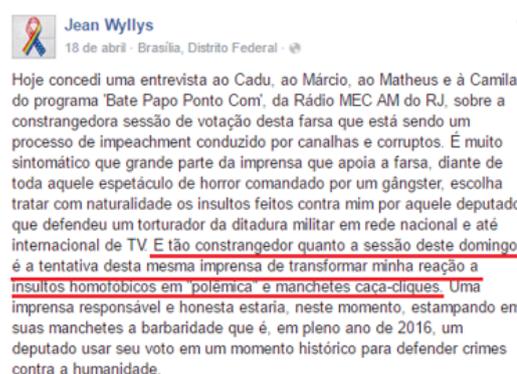


Figura 7

Pelos exemplos apresentados, é possível verificar a metáfora CUSPE É DEFESA subjacente aos enunciados, em que o cuspe é entendido como defesa

6 O lutador Caio Magalhães cuspiu no adversário Josh Shamman após uma luta de MMA. Mais informações disponíveis em: <<https://goo.gl/Ymn850>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

7 A discussão ganhou destaque também em outros programas da emissora, como o programa *Legendários*, que em seu site publicou fotos da briga. Disponível em: <<http://bit.ly/2ryCCik>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

a um ataque anterior. Nas Figuras 6 e 7, é possível ver a metáfora CUSPE É DEFESA manifestada quando o deputado Jean Wyllys se refere ao cuspe como ato de defesa aos ataques sofridos. O mesmo mapeamento é encontrado quando Eduardo Bolsonaro justifica o cuspe em Wyllys, como pode ser visto nas Figuras 8 e 9. Porém, nesse momento, Eduardo Bolsonaro defende seu pai e não a si mesmo.

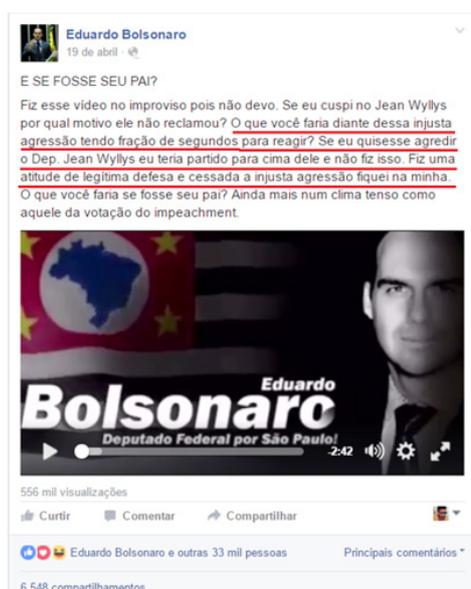


Figura 8

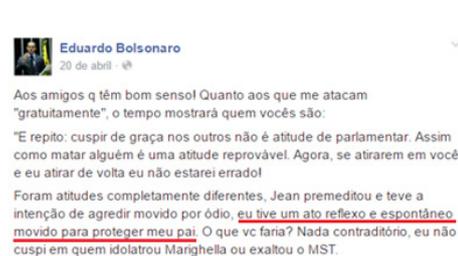


Figura 9

Tal qual CUSPE É ATAQUE, o mapeamento CUSPE É DEFESA também é identificado nos comentários dos posts dos parlamentares do PSOL e do PSC. Na Figura 10, o cuspe de Eduardo Bolsonaro é caracterizado como reação ao ataque de Jean Wyllys, já na Figura 11, o cuspe é visto como ato de defesa ao histórico de declarações e atos do deputado Jair Bolsonaro, considerado um político de extrema direita.

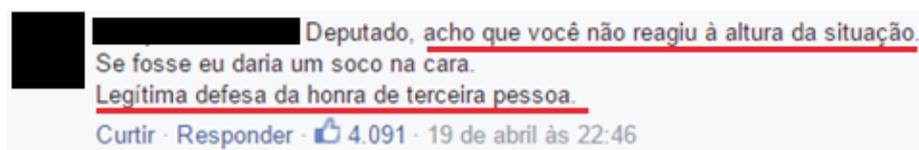


Figura 10

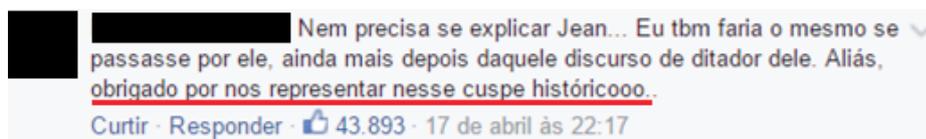


Figura 11

Acredita-se que esse deslocamento de sentido ocorre devido ao papel simbólico da metáfora, que faz emergir novos signos, que podem ou não se fixar permanentemente. Como exibido por Reis (2006), as metáforas maduras têm seu significado cristalizado e fixo, e metáforas criativas “são hipoícones, cujos significados, eventualmente vagos e mal estabelecidos, fazem ‘paralelos esclarecedores’, contribuindo para o crescimento semiótico”. Sugere-se, então, que as metáforas conceituais podem ser divididas dessa mesma forma, isto é, maduras e criativas. Dessa maneira, CUSPE É ATAQUE seria uma metáfora conceitual madura, estabelecida e com certa regularidade de uso e representação. Enquanto CUSPE É DEFESA seria uma metáfora conceitual criativa nova, que pode ou não ter seu sentido mantido e, assim, tornar-se uma metáfora madura. Dessa forma, é possível supor que, ao ser evidenciada e utilizada na interação social, de modo a justificar o cuspe de Jean Wyllys como defesa aos ataques verbais sofridos, e também por Eduardo Bolsonaro em defesa de seu pai, agredido pelo primeiro cuspe, a metáfora CUSPE É DEFESA ressignifica o ato em determinado contexto, e esse novo significado pode consolidar-se em uma metáfora conceitual.

É necessário ressaltar que enquanto nas páginas de Jair e Eduardo Bolsonaro os comentários são alinhados em termos de significados com os posts dos deputados, isto é, o cuspe é visto como ataque quando quem cospe é Wyllys, e defesa quando quem cospe é Eduardo Bolsonaro. Por outro lado, nos comentários das postagens de Wyllys, encontra-se também as mesmas metáforas, porém, nem sempre seu sentido alinha-se com o post do deputado. Assim, o cuspe de Wyllys ora é ataque, como na Figura 5, ora é defesa, como na Figura 11, apesar de CUSPE É DEFESA prevalecer. No recorte feito, não se encontram menções ao cuspe de Eduardo Bolsonaro.

Considerações

Procurou-se mostrar aqui o funcionamento das metáforas na construção de novos significados na interação social, não apenas como forma de expressão, porém, considerando seu papel fundamental na forma como se percebe e conceitua o mundo. Acredita-se, a partir do exposto, que a metáfora conceitual CUSPE É ATAQUE contribui na forma como significamos o ato de cuspir, tanto na interação on-line quanto no cotidiano. Também é possível supor que o mesmo ato foi ressignificado, de modo a justificar as ações dos deputados, criando assim o mapeamento CUSPE É DEFESA.

Tais suposições encontram respaldo nos princípios interacionistas, em que os sujeitos agem de acordo com os significados atribuídos às coisas, e estes podem ser modificados e alterados na interação social. Desse modo, reforça-se a ideia de ciberespaço como espaço não somente de circulação de sentidos, mas também de produção destes, devido a seu potencial interativo, o que constitui “uma Terra semiótica, sem império possível, aberta a todos os ventos do sentido, de geografia movediça, próxima dos paradoxos, que envolve, e doravante governa, os territórios neolíticos” (LEVY, 1998).

Por fim, entende-se que os conceitos de ícone, hipoícone e metáfora, presentes na semiótica peirceana, em conjunto com a teoria das metáforas conceituais, contribuem para o entendimento do processo de significação nas redes sociais, sugerindo a produção criativa de metáforas conceituais na interação on-line. O exemplo de análise de redes sociais utilizando esses conceitos, apresentado na última seção, demonstra como as metáforas ajudam a formatar a forma como se percebe o mundo e o cotidiano, assim, considerações a respeito dos diferentes significados que algo pode ter, a partir do estudo das metáforas, podem fornecer dados relevantes para o entendimento do debate político e ideológico em uma comunidade. A relevância desses conceitos enquanto ferramentas de análise também sugere que os mesmos podem ser empregados no estabelecimento de estratégias adequadas para a criação de sistemas de informação e participações políticas mais eficientes, mas esse é um tópico para pesquisas futuras.

Referências

BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, D. *Teoria da comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico, 1980. p. 119-138.

_____. *Symbolic interactionism: perspective and method*. Oakland: University of California Press, 1986.

BUENO, T. C. *Para que servem os comentários de leitores na internet?: estudo sobre a utilidade da ferramenta nos sites de notícias a partir da estrutura do dispositivo e do modo de apropriação do internauta e do veículo*. 264 f. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2osX0RK>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

BURKS, A. W. *The collected papers of Charles S. Peirce*. 1994. Disponível em: <<http://bit.ly/2iqvDjx>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FARIAS, P. L. O conceito de diagrama na semiótica de Charles S. Peirce. *Triades*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-13, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2pigd89>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

_____. *Sign design, ou o design dos signos: a construção de diagramas dinâmicos das classes de signos de C. S. Peirce*. 2002. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

HOUSER, N.; KLOESEL, J. W. C. *The essential Peirce: selected philosophical writings*. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

LÉVY, P. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 1, n. 9, 1998. Disponível em: <<http://bit.ly/2pipXze>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *Ciberdemocracia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LIMA, P. L. C.; GIBBS JÚNIOR, R. W.; FRANÇOZO, E. Emergência e natureza da metáfora primária desejar é ter fome. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, v. 40, p. 107-140, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2p1GwyN>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

MEYROWITZ, J. *No sense of place: the impact of electronic media on social behavior*. London: Oxford University, 1985.

REIS, A. Aproximações ao conceito de metáfora em CS Peirce. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 4, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/2oJelCb>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

ROMANINI, V. Minute Semeiotic. 2009. Disponível em: <<http://bit.ly/2otbiCa>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

_____. Tudo azul no universo das redes. *Revista USP*, São Paulo, n. 92, p. 58-73, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2oHChF3>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

submetido em: 8 fev. 2017 | aprovado em: 12 abr. 2017